ISSN: 2358-8829

LITERATURA INFANTIL COMO ESTRATÉGIA SOCIOEDUCATIVA NO SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA

Janaina Cícera Ferreira da Silva [1]
Ellendhyene Lima de Oliveira [2]
Aglaíde de Magalhães da Silva [3]
Luís Carlos dos Santos [4]

INTRODUÇÃO

A organização de atividades socioeducativas requer a articulação entre objetivos, recursos, etapas e formas de participação. No Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), essa organização precisa estar alinhada às finalidades da Proteção Social Básica e às características dos usuários, evitando que o encontro se limite à ocupação do tempo ou à execução de uma tarefa isolada. A atividade adquire sentido socioeducativo quando oferece oportunidades de convivência, expressão, escuta e participação, respeitando os diferentes ritmos e repertórios das crianças e dos adolescentes (Brasil, 2009).

A literatura infantil e a expressão plástica/artística podem integrar esse trabalho por aproximar os participantes de personagens, situações simbólicas e conflitos que permitem pensar sobre sentimentos e relações humanas por meio de múltiplas linguagens. Coelho (2000) discute a relevância da literatura infantil na formação do leitor e em sua relação com a cultura. Cosson (2006) compreende o letramento literário como apropriação da literatura por meio de práticas de leitura e interpretação. No âmbito da

[1] Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Latino-Americana de Educação (FLATED), Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Internacional do Delta, Esp. em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), janahistoria2020@gmail.com;
[2] Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK), Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário INTA (UNINTA), Esp. em Letras e Literatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Discente do curso de Pós-graduando em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). ellendh11@hotmail.com;
[3] Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE), Bacharel em Serviço Social pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Especialista em Serviço Social, Direitos Sociais e o Trabalho em Comunidade pela Faculdade Kurios, Esp. em Gestão em Recursos Humanos pela Faculdade Vale do Salgado (FVS), aglaidemagalhaes@gmail.com;
[4] Bacharel em Administração (ESTACIO FAL), Licenciatura em Educação Especial (Unifahe), Discente do curso de Serviço Social (UNIFATECIE), Esp. em Educação Profissional e Tecnológica (IFCE), Esp. em Gestão Pública e Gestão de Pessoas (FAVENI), Esp. Políticas Públicas e Socioeducação Universidade de Brasília (UnB), Me. em Economia Rural (UFC), karloskaka@gmail.com;

criação plástica e simbólica, Vigotski (2014) assinala que a atividade criadora e a imaginação na infância são caminhos essenciais de reativação de sentimentos e reconfiguração de experiências do mundo real. Da mesma forma, Ostrower (2013) destaca que o processo de criação artística favorece a ordenação interna de significados e amplia os modos do sujeito comunicar sua subjetividade. Essas contribuições sugerem que a leitura não precisa terminar quando o texto é concluído: ela pode desencadear produções visuais, desenhos, modelagens, colagens e outras respostas estético-expressivas.

Os estudos reunidos sobre mediação e extensão socioassistencial ajudam a ampliar essa compreensão. Custódio et al. (2019) descrevem um projeto de círculos de leitura desenvolvido em articulação com o CRAS, no qual a literatura foi acompanhada de atividades lúdicas e de troca de experiências. Posteriormente, Custódio e Vilella (2024) discutem a continuidade de ações de incentivo à leitura no contexto da pandemia, destacando a necessidade de adaptar estratégias às condições de participação. Rodrigues e Alencar (2025) tratam os círculos de leitura como práticas participativas e socialmente situadas. Brasão et al. (2023) discutem o letramento literário e a formação de leitores, enquanto Jardim, Sampaio e Galhardo (2019) enfatizam a relação entre literatura, experiências dos leitores e contextos culturais.

A atividade que fundamenta este relato foi realizada em 24 de outubro de 2025, no auditório do CRAS III, em Iguatu–CE, com crianças e adolescentes de 7 a 14 anos dos grupos Águia-Dourada e Arco-Íris. A programação, intitulada “Dia Nacional da Leitura – Descobrindo valores com O Pequeno Príncipe”, incluiu acolhida, leitura compartilhada, intervalo, produção artística e encerramento reflexivo. A etapa prática “Meu planeta especial” propôs a criação de representações visuais e composições plásticas a partir de elementos da narrativa, como o Pequeno Príncipe, a raposa, a rosa e os planetas.

A escolha da atividade artística buscou diversificar as formas de participação. Nem todos os participantes expressam ideias com a mesma facilidade em situações exclusivamente orais; por isso, desenhos, cores, recortes e frases curtas podem funcionar como meios complementares de comunicação e simbolização. Freire (1989), ao relacionar a leitura da palavra à leitura do mundo, permite compreender que o texto ganha sentido na relação com as experiências dos leitores, sem que o mediador deva presumir antecipadamente o significado de cada produção.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a organização e o desenvolvimento de uma prática socioeducativa que articulou literatura infantil e expressão artística no SCFV. Especificamente, busca-se descrever as etapas da atividade, discutir a produção criativa e estético-visual como possibilidade de participação e refletir sobre os limites e as possibilidades do planejamento para experiências semelhantes. O relato não pretende provar que uma única oficina assegurou mudanças duradouras, mas sistematizar elementos documentados que possam contribuir para o aprimoramento da prática profissional.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como relato de experiência, de caráter descritivo e abordagem qualitativa, concentrando-se no planejamento da atividade, na sequência metodológica e nas manifestações artísticas registradas. Conforme destaca Gil (2008), as pesquisas descritivas buscam detalhar as características de determinado fenômeno ou grupo social, exigindo coerência e rigor na articulação entre objetivos, procedimentos e análise para distinguir os fatos documentados das interpretações construídas. A ação ocorreu em 24 de outubro de 2025, no CRAS III, em Iguatu–CE, com os grupos Águia-Dourada e Arco-Íris, voltados a crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. A organização foi conduzida por Janaína Ferreira, com colaboração de Luís Carlos dos Santos e Diego Tavares e acompanhamento da pedagoga Ellen Oliveira.

O percurso metodológico organizou-se de forma sequencial, iniciando-se pela acolhida e contextualização inicial do tema a partir das preferências literárias dos participantes. Em seguida, realizou-se a leitura de trechos selecionados de O Pequeno Príncipe, com foco na raposa, na rosa e nos planetas, utilizando-se perguntas abertas para estimular a interpretação e a associação com o cotidiano. Na etapa de produção artística (“Meu planeta especial”), foram disponibilizados papel A4, desenhos impressos, lápis de cor e canetinhas para que as crianças pudessem colorir, recortar, colar e compor suas representações e frases curtas, antecedendo um intervalo com lanche e brincadeiras externas. O encerramento deu-se com a entrega de marcadores de página com a frase “O essencial é invisível aos olhos” e o sorteio de uma lembrança temática.

A análise organizou-se em três dimensões: a articulação entre as etapas, a expressão artística como forma de participação e a socialização entre os pares. Adotou-

se como fonte primária a pesquisa documental (Gil, 2008), fundamentada no plano de atividade e nos registros descritivos das manifestações visuais e verbais dos participantes, sem o emprego de instrumentos quantitativos, entrevistas adicionais ou escalas. Por fim, o estudo observou rigorosamente as diretrizes éticas e institucionais relativas à proteção de crianças e adolescentes, assegurando o anonimato dos participantes e o respeito às autorizações de uso de imagem e normas aplicáveis (Gil, 2008).

REFERENCIAL TEÓRICO

Literatura infantil e formação do leitor

A literatura infantil é uma forma de expressão artística que aproxima o leitor de mundos ficcionais, conflitos e possibilidades de interpretação. Sua contribuição vai muito além da transmissão de uma mensagem moral ou do ensino de uma habilidade isolada, permitindo compreender a obra como espaço de imaginação e fruição (Coelho, 2000).

O letramento literário depende de práticas que permitam ao leitor apropriar-se da literatura. A leitura compartilhada e o diálogo após a narrativa favorecem a construção de interpretações, desde que não sejam transformados em um interrogatório com respostas únicas (Cosson, 2006). Desse modo, a mediação precisa considerar os interesses e os repertórios dos participantes, superando abordagens que acabem por afastá-los do texto literário (Brasão et al., 2023).

Além disso, o letramento deve ser compreendido como uma prática cultural, cotidiana, histórica e socialmente contextualizada (Jardim, Sampaio e Galhardo, 2019). A literatura favorece o reconhecimento de experiências próprias e o contato com realidades diferentes, ganhando densidade quando há espaço efetivo para participação, interpretação e compartilhamento coletivo (Rodrigues e Alencar, 2025).

Na experiência relatada, *O Pequeno Príncipe* foi utilizado como referência para discutir amizade, cuidado e responsabilidade. Contudo, a mediação evitou reduzir a obra a uma lista pré-definida de valores, buscando criar condições para que as crianças e os adolescentes pudessem formular sentidos próprios e relacionar a história às suas vivências.

ISSN: 2358-8829

Expressão plástica, criação artística e participação socioeducativa

A articulação entre leitura e expressão artística permite que a resposta à narrativa ocorra por diferentes linguagens não verbais e simbólicas. Recursos como desenho, colagem, pintura e produção de frases ampliam a participação, especialmente em grupos heterogêneos com diferentes níveis de desenvoltura verbal. A arte não substitui o texto literário, mas atua como outra via para revisitá-lo e compartilhar impressões estéticas e afetivas.

Sob a perspectiva da psicologia do desenvolvimento, a imaginação infantil nutre-se de elementos da experiência real e ganha forma por meio da criação plástica (Vigotski, 2014). O ato de desenhar e compor visualmente não representa uma reprodução passiva, mas uma reconstrução na qual a criança reelabora sua subjetividade. Complementarmente, a criação artística integra a capacidade humana de dar significado às vivências sensíveis, organizando pensamentos e sentimentos de modo único (Ostrower, 2013).

Projetos de círculos de leitura demonstram que propostas centradas apenas na leitura verbal nem sempre mantêm a atenção de todos, tornando fundamental incorporar encenações, desenhos e dinâmicas visuais (Custódio et al., 2019). Essa flexibilidade metodológica garante a continuidade das ações diante de novas condições de participação (Custódio e Villela, 2024).

Por fim, a expressão artística deve ser acolhida como processo criativo e não como competição estética, respeitando a autonomia e o direito de escolha dos participantes (Jardim, Sampaio e Galhardo, 2019; Rodrigues e Alencar, 2025). É igualmente importante evitar interpretações psicológicas indevidas, uma vez que um desenho isolado não constitui instrumento diagnóstico nem autoriza conclusões precipitadas sobre a personalidade ou a vida emocional dos sujeitos.

O planejamento no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

O SCFV integra a Proteção Social Básica, organizando atividades em grupos de acordo com os ciclos de vida e em articulação com o trabalho social com famílias (Brasil, 2009). Por essa razão, as ações socioeducativas precisam estar estritamente conectadas às

finalidades do serviço, construindo a convivência por meio de oportunidades de escuta, interação e participação processual.

Uma proposta bem planejada estabelece objetivos claros, prevê os materiais necessários, distribui o tempo e identifica barreiras à participação, mantendo a flexibilidade para ajustes durante a execução. Em grupos com faixas etárias amplas, como de 7 a 14 anos, as habilidades variam consideravelmente, tornando essencial oferecer alternativas metodológicas para favorecer o engajamento sem exigir resultados idênticos.

Ações literárias e artísticas no âmbito dos serviços socioeducativos demonstram o potencial de estreitar o vínculo entre a comunidade e a instituição (Custódio e Villela, 2024). No entanto, a convivência ultrapassa a mera presença simultânea, exigindo atenção contínua para que a atividade abra espaço real para o diálogo, a cooperação na partilha de materiais e o reconhecimento mútuo entre os participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Articulação entre leitura e produção artística

O registro da atividade descreve uma sequência que integrou acolhida, leitura, produção artística, apresentação e encerramento. Essa estrutura permitiu que a proposta avançasse da aproximação inicial com o tema para uma resposta criativa e, posteriormente, para o compartilhamento. A literatura não foi tratada como um momento isolado: os elementos da narrativa reapareceram na tarefa “Meu planeta especial”, dando unidade ao encontro.

A disponibilização de papel, desenhos impressos, lápis de cor e canetinhas ofereceu uma entrada concreta para a atividade. A orientação para imaginar um planeta e pensar no que seria importante cuidar relacionou a composição visual aos temas da narrativa. Esse desenho metodológico é compatível com a necessidade de diversificar práticas de leitura apontada por Brasão et al. (2023) e com a abordagem lúdico-artística descrita por Custódio et al. (2019). Em ambos os casos, a mediação é pensada para ampliar o envolvimento, não para substituir a leitura.

A distribuição do tempo, com cinquenta minutos previstos para a produção prática e vinte minutos para a reflexão final, funcionou como referência para a organização. Todavia, atividades com crianças e adolescentes exigem flexibilidade para acolher

dúvidas, ritmos diferentes de pintura/colagem e necessidades de apoio. O planejamento é mais útil quando oferece uma estrutura orientadora sem transformar o cronograma em exigência rígida.

Não há no registro uma avaliação padronizada da compreensão leitora ou comparação entre o início e o final do encontro. Por isso, o resultado sustentado pela documentação é a coerência entre as etapas e a oportunidade de participação oferecida por meio da arte, e não uma afirmação de que todos os participantes desenvolveram determinada habilidade em nível mensurável.

Expressão de sentidos por meio das produções plásticas

O relato registra frases como “no meu planeta tem amizade e amor” e “vou cuidar da minha rosa com carinho”. Essas manifestações, alinhadas às cores e composições escolhidas, indicam que alguns participantes relacionaram elementos visuais da proposta a sentimentos e valores. A importância das produções não está em provar uma transformação permanente, mas em mostrar que a atividade abriu espaço para que os participantes associassem a narrativa a significados próprios por meio de uma linguagem plástico-expressiva, conforme discutido por Vigotski (2014) e Ostrower (2013).

A leitura da palavra em relação com a leitura do mundo, discutida por Freire (1989), ajuda a interpretar essa passagem entre a ficção e as experiências dos participantes. A rosa e o planeta podem adquirir significados pessoais, mas a equipe não deve pressupor o que representam. O significado deve ser acolhido a partir da explicação do participante, sem inferências sobre sua intimidade.

A pluralidade das produções também deve ser considerada um aspecto positivo. Alguns participantes podem preferir frases curtas; outros podem comunicar-se sobretudo por cores, desenhos ou composição visual. A diversidade de respostas não deve ser interpretada como diferença de valor. Em consonância com Rodrigues e Alencar (2025), a participação pode ser compreendida como uma prática social em que as crianças atuam, colaboram e constroem sentidos a partir de suas experiências.

Para novas aplicações, a equipe pode ampliar as alternativas expressivas, oferecendo desenho livre, colagem, símbolos, descrição oral, construção coletiva ou apoio em dupla. A escolha de recursos precisa considerar acessibilidade, habilidades

motoras, visuais e linguísticas e eventuais necessidades específicas, sem presumir que todos participem da mesma maneira.

Socialização, convivência e limites interpretativos

A apresentação das produções ofereceu oportunidade para compartilhar escolhas e ouvir os colegas. O registro menciona associações com amizade, amor e cuidado e a frase “amar é cuidar”. A socialização ampliou a atividade para além da execução individual, permitindo que as produções se tornassem ponto de partida para conversa e reconhecimento mútuo.

Esse momento precisa ser conduzido sem obrigar ninguém a expor experiências pessoais. A participação oral deve ser voluntária, e o grupo precisa ser orientado a ouvir sem ridicularizar ou comparar as produções. Essa postura é coerente com a perspectiva de letramento literário e criação artística como prática compartilhada e socialmente situada (Jardim; Sampaio; Galhardo, 2019; Rodrigues; Alencar, 2025; Ostrower, 2013).

O registro inclui ainda o intervalo para lanche e brincadeiras com bola e pula-corda. Esses momentos compuseram a experiência coletiva, embora a documentação não permita medir sua influência nos vínculos. A interpretação prudente é reconhecer que o encontro reuniu diferentes situações de interação, sem atribuir a uma única atividade efeitos duradouros sobre as relações do grupo.

O encerramento com marcadores de página e sorteio de uma lembrança temática estabeleceu uma conclusão vinculada à obra. Em ações futuras, brindes e sorteios devem permanecer complementares, de modo que a valorização dos usuários não dependa de ganhar um objeto, mas do direito de participar e ser reconhecido no processo.

Possibilidades de aperfeiçoamento

A experiência sugere que os próximos planejamentos podem incluir objetivos observáveis e registros mais precisos. Em vez de registrar genericamente que a oficina pretende fortalecer vínculos, a equipe pode observar se diferentes participantes tiveram oportunidade de se expressar artisticamente, se houve compartilhamento de materiais de pintura, escuta entre pares e apresentação voluntária das produções, apoiando a reflexão profissional sem rotular as crianças. Uma avaliação participativa breve também pode

orientar novos encontros por meio de perguntas simples e anônimas sobre a preferência das crianças, recolhendo impressões sem transformar a atividade em teste escolar.

Outra possibilidade relevante é planejar uma sequência de encontros literários e expressivos para retomar a amizade, o cuidado, o respeito e a cooperação por meio de narrativas distintas, produções plásticas e rodas de conversa. A continuidade permite à equipe acompanhar os interesses do grupo e ajustar as estratégias metodológicas, reforçando a importância de adaptar os formatos de mediação às condições concretas de participação e de preservar o vínculo permanente com a comunidade (Custódio; Vilella, 2024).

A documentação institucional deve separar o que estava previsto daquilo que efetivamente aconteceu, permitindo identificar alterações no cronograma, materiais artísticos que funcionaram melhor e necessidades de apoio prático. Essa sistematização melhora a transparência do relato e evita que impressões pontuais sejam apresentadas como resultados generalizáveis (Gil, 2008), considerando também a escolha da obra literária, a leitura em voz alta e a explicação de termos menos familiares para manter o texto no centro da experiência.

Outro aspecto central é a acessibilidade dos materiais e das instruções, preparando imagens em tamanho adequado, oferecendo recursos de fácil manuseio e explicando a tarefa em etapas curtas com apoio opcional. A possibilidade de escolher entre desenho, colagem ou explicação oral amplia a participação sem exigir habilidades específicas, enquanto a articulação entre literatura e artes plásticas assegura a autoria, a singularidade e a diversidade de escolhas e interpretações dos participantes (Ostrower, 2013; Vigotski, 2014).

A análise dos resultados exige distinguir a atividade planejada, as ações descritas nos registros e a interpretação teórica, evitando apresentar objetivos previstos como resultados comprovados. Essa separação explicita que a documentação sustenta uma análise da organização e das oportunidades de participação, convergindo com a literatura da área sobre a diversificação de mediações (Brasão et al., 2023; Custódio et al.,2019; Jardim; Sampaio; Galhardo, 2019; Rodrigues; Alencar, 2025) para transformar a criação e o diálogo em um percurso interpretativo conectado aos objetivos do SCFV.

Por fim, a participação deve ser compreendida em sentido amplo, englobando a escuta, a escolha de materiais, a criação visual ou o acompanhamento dos colegas, sempre respeitando o ritmo, a autonomia e a privacidade de cada usuário. A continuidade das

ações, respaldada por registros sistemáticos, permitirá aprimorar o serviço de forma contínua, consolidando a prática socioeducativa sem desvirtuar sua finalidade essencial de proteção social básica e convivência (Brasil, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada demonstra uma possibilidade de articulação entre literatura infantil, expressão artística/plástica e convivência no SCFV. A atividade “Meu planeta especial” foi organizada como continuidade prática da leitura de O Pequeno Príncipe, permitindo que crianças e adolescentes utilizassem desenhos, cores e frases para elaborar representações relacionadas ao tema do encontro.

O percurso reuniu conversa inicial, leitura, produção individual/artística, socialização, brincadeiras e reflexão final. As frases e desenhos registrados indicam que alguns participantes relacionaram suas produções à amizade, ao amor e ao cuidado. Esses dados mostram oportunidades de expressão e compartilhamento simbólico, mas não permitem afirmar que ocorreram mudanças permanentes ou mensuráveis nos vínculos ou nos comportamentos.

A principal contribuição da experiência está na demonstração de que recursos simples de artes plásticas podem ser integrados a um planejamento socioeducativo com intencionalidade, desde que a produção não seja reduzida ao resultado visual. O processo deve valorizar as escolhas, a participação, a escuta e a possibilidade de comunicar sentidos. A literatura oferece uma referência simbólica; a criação artística amplia as formas não verbais de resposta; e a socialização cria oportunidades de diálogo.

Como limites, destacam-se a natureza descritiva dos registros e a ausência de instrumentos específicos de avaliação ou acompanhamento longitudinal. Novas ações podem incluir avaliação participativa, registros sistemáticos e sequências de encontros que permitam observar como os temas reaparecem ao longo do tempo. Conclui-se que a articulação entre literatura e expressão artística pode integrar o repertório do SCFV quando respeita os objetivos do serviço, as formas de participação dos usuários e os princípios de proteção e privacidade.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas, Educação social, Desenvolvimento humano, Criatividade, Interação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à equipe do CRAS III, aos profissionais envolvidos no planejamento e na execução da atividade e às crianças e aos adolescentes dos grupos Águia-Dourada e Arco-Íris, cuja participação tornou possível a realização desta experiência.

REFERÊNCIAS

BRASÃO, Heber Junio Pereira; SOUSA, Cristina Soares de; SILVA, Márcia Rodrigues Luiz da; SOUSA, Gleice Kelly de; REIS, Natany Garcia**. Letramento literário:** o ensino de literatura nos anos finais do ensino fundamental. Cadernos da Fucamp, v. 22, n. 58, p. 46-58, 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. **Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009.** Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília, DF: CNAS, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

CUSTÓDIO, Raquel Cardoso de Faria e; VILELLA, Ana Paula Pereira. **Círculos de leitura e Centro de Referência de Assistência Social:** o desafio de manter um projeto de extensão em meio à pandemia de Covid-19. Caminho Aberto: Revista de Extensão do IFSC, ano 11, v. 18, 2024. DOI: https://doi.org/10.35700/2359-0599.2024.18.3515.

CUSTÓDIO, Raquel Cardoso de Faria e; NISSOLA, Amanda Farias; SANTOS, Maria Antônia Fagundes dos; VILELLA, Ana Paula Pereira. **Círculo de leitura e CRAS**: transformação e literatura. Projeto/relato de extensão do Instituto Federal Catarinense, campus São Bento do Sul. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

JARDIM, Alyne de Souza; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo; GALHARDO, Irma. **O letramento literário: a literatura escolarizada**. Dialogia, São Paulo, n. 32, p. 307-320, maio/ago. 2019. DOI: https://doi.org/10.5585/Dialogia.n32.13219.

OSTROWER, Fayga. **Acaso e criação artística.** 8. ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2013.

RODRIGUES, Franciélia Saraiva Alves; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Letramento literário na educação infantil através dos círculos de leitura**. Revista Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 23, e2025026, 2025. DOI: https://doi.org/10.69532/2178-4442.v23.75131.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe:** com aquarelas de Eduardo Vetillo. Adaptação de James Misse. São Paulo, SP: Pé da Letra, 2015. 31 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância.** Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2014.